

GT 6: Informação, Educação e Trabalho

**RECONHECIMENTO DAS PROFISSÕES DA INFORMAÇÃO: UMA LEITURA A
PARTIR DE BOURDIEU**

Comunicação oral

Eliane Cristina de Freitas Rocha - UFMG

Helena Maria Tarchi Crivellari - UFMG

lilirochabr@ig.com.br

Resumo: Neste trabalho, busca-se refletir sobre o reconhecimento das profissões da informação a partir da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, destacando seus estudos sobre A Distinção no espaço social e nos campos sociais. Por meio de revisão bibliográfica e de reflexões de ordem teórica, destaca-se que as profissões que lidam com a informação no espaço social são caracterizadas como profissões técnicas, e, portanto, recebem o prestígio ocupado pelas funções técnicas, normalmente considerado inferior às posições superiores/elitistas. As profissões que lidam com as tecnologias da informação digital estão afastadas das instâncias decisórias, mas se beneficiam da crescente valorização do tecnicismo para serem prestigiadas. Os profissionais da Comunicação Social ocupam posições de visibilidade que podem lhes conferir notoriedade, enquanto os profissionais bibliotecários, arquivistas e museólogos lidam com instituições de relativo prestígio cultural no espaço social. O domínio das tecnologias da informação é fator de distinção entre as profissões que operam com a informação, sendo os profissionais do campo da produção da tecnologia da informação digital os planejadores com maior prestígio; e as demais profissões da informação são usuárias dos profissionais do campo da produção tecnológica.

Palavras-chave: Profissões da informação. Profissionais da Informação. Reconhecimento. Capital simbólico. Campo.

1 INTRODUÇÃO

Propõe-se, neste artigo, o estudo do reconhecimento e prestígio de categorias ocupacionais ligadas ao trabalho com a informação, considerado crucial para a economia contemporânea (CASTELLS, 2003; DANTAS, 1999).

As questões ligadas ao reconhecimento dos profissionais da informação têm recebido atenção em pesquisas da área de Ciência da Informação (SILVA e GOMES (2008, 2010); SILVA e MORIGI (2008)). Para ampliar o debate sobre o reconhecimento dos profissionais da informação, serão adotadas as noções de distinção, campo e espaço social utilizadas na obra de Pierre Bourdieu (1983, 2002a, 2008) para situar o possível prestígio das profissões da informação em relação ao espaço social e ao campo da produção das tecnologias da informação. Metodologicamente, procura-se utilizar o método comparativo (REIS, 1985; SARTORI, 1994) como perspectiva analítica, buscando estabelecer traços comuns e peculiaridades entre as profissões que lidam com a informação no espaço social no que diz respeito à posição de prestígio ocupada por elas. Nesse caso, optou-se por avaliar não somente as profissões ligadas à Ciência da Informação (Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia), mas também as formações ligadas à informática (Ciência da Computação e Sistemas de Informação) e à Comunicação Social, consideradas áreas de fronteira da Ciência da Informação, conforme o trabalho de Cronin, Stiffler e Day (1993), também citados por Cunha e Crivellari (2004).

Considera-se que, no Brasil, as profissões da informação estariam abarcadas pelas formações de nível superior em Ciência da Computação, Sistemas de Informação, Comunicação Social (Habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas), Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Nas duas primeiras, encontram-se os produtores das tecnologias digitais, os profissionais da informática; nas outras quatro – todas compreendidas no campo das Ciências Sociais Aplicadas I, segundo classificação da Capes – encontram-se os usuários privilegiados das tecnologias digitais, inclusive os bibliotecários ou profissionais da informação. Procura-se pensar, relacionalmente, certos conceitos de Pierre Bourdieu, principalmente os de campos sociais e distinção, através de revisão bibliográfica e como parte de um estudo mais amplo.

2 RECONHECIMENTO E ESPAÇO SOCIAL

Para Bourdieu (2002a, 2007a), é possível entender o reconhecimento a partir do conceito de capital simbólico: “*o capital simbólico, geralmente chamado prestígio,*

reputação, fama, etc. [...] é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (BOURDIEU, 2002a, p. 135). Para que exista reconhecimento, é necessário que existam condições de percepção e valoração dos capitais em jogo no espaço social como um todo e no interior dos diversos campos sociais, pois o “*capital simbólico é um capital de base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento*”. (BOURDIEU, 2007a, p. 150).

Entende-se o espaço social através da abordagem de Bourdieu (2002a, 2007b, 2008) como um mapa posicional dinâmico de atores sociais distribuídos ao longo de dois eixos: capital econômico e cultural. O capital econômico, tomado do ponto de vista dos agentes sociais distribuídos neste espaço, relaciona-se à posse de recursos monetários; enquanto o capital cultural apresenta-se em três formas: capital cultural incorporado, objetivado e institucionalizado (BOURDIEU, 1998). O agente colocado no espaço social apossa-se de bens (como quadros, máquinas, livros) considerados capital cultural objetivado; pode obter (ou não) certificados escolares ou diplomas, considerados capital cultural institucionalizado; e adquire capital cultural incorporado ou o conjunto de disposições para usufruir dos seus capitais conforme o seu *habitus*.

Em função do volume de capital econômico e cultural dos agentes, Bourdieu (2008) representa o espaço social na forma de um gráfico em quatro quadrantes (FIG 1). Cada posição apresentada na figura limitou-se a categorias socioprofissionais que encerram características secundárias significativas (sexo, idade, posição geográfica, nível de instrução e outras) que são sobrepostas às características primárias (volume e estrutura do capital). Supõe-se, desta forma, certa homogeneidade no interior das categorias socioprofissionais, as quais são consideradas representativas de classes de condições de existência no espaço social.

Ocupam posição privilegiada nesse espaço – ou são considerados membros das elites – os membros com maior volume de capitais econômico e cultural, como os padrões do comércio e da indústria (com maior volume de capital econômico do que cultural) e os professores universitários (com maior volume de capital cultural do que econômico), entre outros ocupantes situados mais ao alto e à esquerda no quadrante superior esquerdo da FIG 1. É entre as frações da elite que são definidos os princípios de hierarquização social, como o que é considerado o gosto legítimo em matéria de música e arte, bem como as maneiras distintas de exercer as mais variadas práticas, como as ligadas ao vestuário, à alimentação, ao uso da língua, às posturas e atitudes mais adequadas. São prestigiadas e reconhecidas (“*ignoradas como arbitrarias*”, BOURDIEU, 2002b, p. 14) as práticas, sejam culturais e/ou

comportamentais, naturalmente gestadas no interior das classes dominantes¹ do espaço social em cada um dos seus diversos campos. Tais práticas carregam poder de distinção, ou alto capital simbólico - “a forma percebida como legítima das diferentes espécies de capital” (BOURDIEU, 2002a, p. 135).

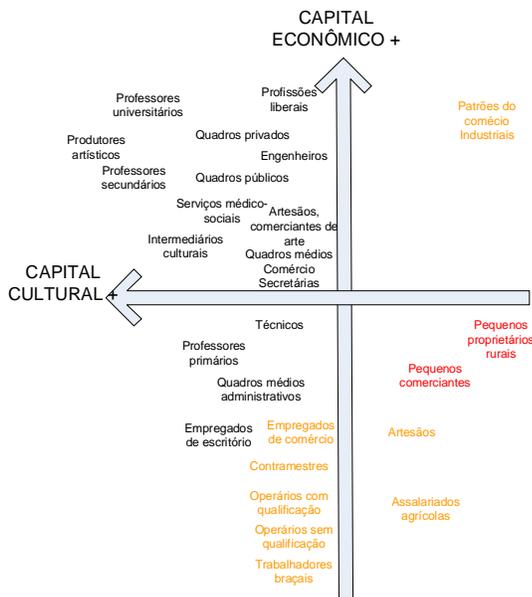


FIGURA 1 – Espaço social

Legenda: em vermelho – categoria em declínio; em amarelo – categoria com pouco crescimento/estagnada; em preto – categorias em ascensão no período de 1962-1968 na França
 Fonte: adaptado de BOURDIEU (2008, p. 118-119)

¹ As maneiras de aquisição do capital cultural – menos ou mais escolar – rivalizam no interior da classe dominante. Os mundanos – membros da burguesia com capital estatutário de origem – rivalizam com os doutos ou pedantes – membros das frações mais ricas em capital cultural do que econômico que devem a aquisição de seu capital essencialmente à escola e que adotam estratégias de heresia no campo da produção cultural. As práticas culturais dos mundanos (relação menos escolar com a cultura) se diferem das dos doutos/pedantes (relação mais escolar com a cultura): Os mundanos se dirigiram ao teatro de boulevard (da *rive droite*) - mais caro, como uma oportunidade de dispêndio e ostentação; têm preferência por obras culturais mais antigas, apresentam o otimismo social das pessoas sem problemas; lêem relatos de histórias, romances e semanários ilustrados. Os doutos têm práticas culturais mais intelectualizadas, se dirigiram ao teatro de vanguarda (da *rive gauche*) - mais arriscado, mais audacioso, de menor custo com máximo de rendimento cultural; têm preferência por obras de arte mais arriscadas e contemporâneas (como produtores culturais, podem levar o *kitsch* à categoria de obra distinta), apresentam o desencantamento antiburguês das pessoas pessimistas; lêem poetas e filósofos (BOURDIEU, 2008).

Assim como os princípios de hierarquização são definidos pelas elites no espaço social, também o espaço ocupado por elas é o de máximo prestígio social. As demais classes no espaço ocupariam posição de mero contraste em relação a elas: “*As classes dominadas não intervêm nas lutas simbólicas pela apropriação das propriedades distintivas que conferem sua fisionomia aos diferentes estilos de vida (...), [elas são] título de referência passiva, de contraste*”. (BOURDIEU, 2008, p. 235) Neste caso, os ocupantes do quadrante inferior esquerdo – como os técnicos – não fazem parte das elites, eram membros das classes médias e, à época, detentores de cursos técnicos de nível secundário; o que colocaria as ocupações técnicas em posição não muito prestigiada no espaço social.

Já em 1979, em *A Distinção*, Bourdieu (2008) comenta que a expansão de vagas no sistema de ensino e a incorporação progressiva de capital cultural nas máquinas colocavam a exigência de maior escolarização para manutenção de algumas posições no espaço social, em outras palavras, elevou-se o grau de dependência do sistema de ensino para as estratégias de reprodução dos agentes sociais. Dois indícios importantes do prestígio associado à profissão na relação com o sistema de ensino são: a relação candidato-vaga dos vestibulares o efeito de inflacionamento dos diplomas, o qual que tende a desvalorizar as profissões². Sabe-se que, para Bourdieu (2008), a raridade associa-se à distinção, e, por critérios de *numerus clausus*, quanto mais popularizado for o acesso à formação, menos distinto será o valor do diploma. E, dado o efeito de inflacionamento, é preciso investigar se as posições técnicas já não requerem somente o ensino secundário, mas se já demandam, em algumas áreas, o ensino superior.

A ocupação de algumas posições distintas no espaço social associa-se à necessidade de títulos escolares (BOURDIEU e BOLTANSKI, 1998) e observa-se a crescente necessidade de justificativas técnicas e racionais para o exercício da dominação (BOURDIEU, 2007b). A autonomização dos campos profissionais, de maneira geral, contribui para a perpetuação dos princípios de hierarquização social, conferindo condições de acesso às posições mais elevadas do espaço social (como as que requerem maior capital cultural, em especial na sua forma institucionalizada). Para Barbosa (1993, p. 25), a leitura de Bourdieu permite entender que “*a profissão pode se tornar fundamento de distinção, de posicionamento nas hierarquias sociais,*

² A título de exemplificação, observou-se, no vestibular da USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2010), maior procura pelos cursos da área de Comunicação Social (o curso de Publicidade e Propaganda teve 44,44 candidatos por vaga, inferior apenas ao do curso de Medicina), procura relativamente pequena do curso de Computação (11,47 candidatos por vaga frente aos antigos 49,83 candidatos por vaga no ano de 2000) e estável do curso de Biblioteconomia (6,43 candidatos por vaga em 2011 frente aos 10,47 de Biblioteconomia turno matutino e 7,70 do noturno em 2000). Cabe estudar, mais detidamente, a influência da expansão do ensino universitário brasileiro nas últimas décadas para entender melhor tal efeito de inflacionamento.

compreendendo os processos pelos quais se delimitam fronteiras e se instituem princípios de organização interna que combinam diferenças numa forma específica de coesão do grupo”.

Para estudar o prestígio relativo das profissões da informação como as supramencionadas neste artigo, seria importante refletir sobre o grau de institucionalização de cada uma delas, tendo em vista a importância do seu reconhecimento oficial (BOURDIEU e BOLTANSKI, 1998). Nessa direção caminha o estudo de Cunha e Crivellari (2004), sendo necessário dizer que, nesses termos, as profissões das tecnologias da informação, ligadas à Ciência da Computação e Sistemas de Informação, carecem de reconhecimento, indício de menor prestígio em relação às já oficialmente reconhecidas (como é o caso das profissões de bibliotecário, arquivista e museólogo). A posição ocupada pelas diferentes categorias socioprofissionais no espaço social indicaria o seu prestígio social, inclusive tendo como referência a história do perfil das categorias socioprofissionais.

Outra questão importante é que a própria morfologia da categoria ocupacional (se mais jovem ou idosa, se mais feminina ou masculina) em sua historicidade também permite identificar posições de prestígio no espaço social. Quando escrevia sua obra, Bourdieu (2008) relatou que as profissões mais feminilizadas e as que tendiam ao envelhecimento seriam menos prestigiadas, quadro que pode sofrer alguma variação, em especial com a crescente importância da mulher no mercado de trabalho (CASTELLS, 2003). A referência ao perfil dos profissionais da informação dá pistas de sua posição social (CUNHA, PEREIRA, 2003; ZILLER, CARDOSO, 2008), mas seria interessante comparar os perfis com as atividades profissionais de fronteira, para se ter maior clareza do prestígio ocupado pelas profissões da informação.

No momento em que, segundo Ziller e Cardoso (2008), há expansão de oportunidades no ensino superior brasileiro com o aumento da oferta de vagas, é preciso não estar cego para os desequilíbrios existentes na universidade e que refletem relações de poder – o campo universitário é hierarquizado. O perfil dos profissionais (e o reconhecimento dos diplomas universitários) relaciona-se com as hierarquias do sistema de ensino (BOURDIEU, 2002a, 2008) e com a relação entre o sistema de ensino e o aparelho econômico (e o mercado de trabalho). Os investimentos no sistema de ensino pelos atores sociais variam ao longo dos anos. As categorias socioprofissionais de prestígio em uma época podem entrar em declínio em outra; o surgimento de outras atividades profissionais pode deslocar atores de uma categoria socioprofissional para outra como estratégia de conservação ou de ascensão no espaço social, segundo Bourdieu (2008). Na dinâmica entre o sistema de ensino e mercado de trabalho podem ser colocados investimentos nas estratégias de reprodução social (e na

manutenção das desigualdades sociais), que se vinculam, portanto, às relações de prestígio e reconhecimento das profissões.

Além disso, seria pertinente distinguir o que é considerado prestigioso no campo das classes sociais. Qual lugar ocuparia as profissões de natureza técnica no espaço social? O prestígio associa-se ao ofício laboral em si mesmo. As profissões mais associadas ao trabalho técnico são menos valorizadas do que as profissões ligadas ao trabalho intelectual, já que tal cisão está no cerne do *habitus* das classes dominantes (distanciados das atividades práticas) e das classes dominadas (mais próximas do reino da necessidade), segundo Bourdieu (2008). Pinto (2005) comenta que a distinção entre o nobre trabalho intelectual x trabalho braçal teria origens muito remotas, comentando, inclusive, que a sabedoria era considerada privilégio dos faraós. Na sociedade antiga, os operadores de instrumentos ocupavam espaços inferiores na hierarquia social, inferiores ao domínio do planejamento técnico.

As profissões da informação estariam associadas às funções técnicas, mas com a peculiaridade de não se ligarem ao trabalho braçal puro e simples. Conforme Santos (2008), a maior parte dos profissionais da tecnologia da informação – com formação em Ciência da Computação e Sistemas de Informação – comporia o proletariado da globalização, por estarem afastados das instâncias decisórias. Castro (2000) aponta a tendência à posição servil do profissional da Biblioteconomia, o que se refletiria na auto-imagem depreciativa do profissional bibliotecário (SILVA e GOMES, 2010; SILVA e MORIGI, 2008). No que concerne à imagem dos profissionais arquivista e museólogo, há carência de estudos sobre este tema, mas deve-se ter em vista que os museus e arquivos públicos constituem-se em espaços relacionados à preservação da cultura e se associariam a práticas socialmente prestigiadas. Já os profissionais da Comunicação Social, nas habilitações de Relações Públicas, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, ocupariam espaço relativamente prestigiado no espaço social, por aglutinarem, segundo Bourdieu (2008), porta-vozes das elites com vistas à construção da ilusão da opinião pública: “[os jornalistas] embora ocupem uma posição inferior, dominada, nos campos da produção cultural, (...) exercem uma forma raríssima de dominação: têm o poder de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido, de ter acesso à **notoriedade pública**” (BOURDIEU, 1997, p. 66, grifos do autor).

Com relação ao prestígio das profissões técnicas, Bourdieu (2008) comentava que existia uma tendência à valorização do tecnicismo por parte das elites emergentes francesas, que lhes confeririam “o sentimento de deter uma autoridade de direito intelectual sobre a conduta da sociedade” (BOURDIEU, 2008, p. 296-297). Os quadros politécnicos, “convencidos de que devem sua posição unicamente aos diplomas e à competência técnica e

*humana (...) impregnados de cultura econômica e política que é ensinada nos institutos de ciências políticas e **Business-schools***” (BOURDIEU, 2008, p. 294), opor-se-iam a “*a cultura gratuita, irreal e irrealista do intelectual*”³, voltando-se “*para a ação sem ser redutível à indignidade de uma simples ‘prática’*” (BOURDIEU, 2008, p. 296-297).

Na época em que escreveu sua obra, Bourdieu (2008) não posicionou os profissionais que lidam com a informação no espaço social especificamente. Mas, de maneira análoga à posição de técnicos x engenheiros em termos de prestígio, acredita-se que as vagas em prestação de serviços no setor de Tecnologia da Informação são também hierarquizadas: desde os mais prestigiados (voltados para a concepção e planejamento) até os menos prestigiados (o trabalho “braçal” com a informação). Nas sociedades divididas em classes caberia a uma classe a função de produzir as técnicas e disseminar o conhecimento mínimo necessário à sua operação, segundo Pinto (2005).

Observa-se notadamente a grande contradição com a produção e disseminação das tecnologias da informação. Segundo Pinto (2005), elas tenderiam a tornar possível a disseminação da técnica para toda a humanidade, ao invés de ser “proprietária” de uma classe para dominar outra (ou de nações hegemônicas que dominem outras). E elas exigem, como qualquer técnica, segundo o mesmo autor, conhecimento de quem as opera; mas talvez aumentem o leque de conhecimentos mínimos necessários à sua apropriação em relação a outras técnicas. Neste caso, seria conveniente entender melhor os campos da produção e consumo da tecnologia digital.

3 O CAMPO DA TECNOLOGIA DIGITAL

Para Bourdieu, os campos sociais funcionam como mercados que valorizam certos capitais. Assim, “*cada campo é lugar de constituição de uma forma específica de capital*” (BOURDIEU, 2004, p. 26). Para discutir o campo da tecnologia digital, o presente estudo buscou estabelecer uma analogia com o trabalho de Bourdieu e Delsaut (2001), que discute o campo da moda. Desse modo, afirma-se a existência de dois campos análogos aos da moda que são o da produção de tecnologia da informação e, simultaneamente, o campo de consumo das tecnologias da informação (ROCHA, 2011). De forma ampliada, esses campos apresentam relações homólogas, não apenas à moda, mas ao campo da produção cultural e ao campo do consumo da produção cultural, conforme se verá a seguir.

³ Bourdieu (2008) referia-se ao intelectual, neste caso, aos membros das elites culturais francesas, detentores de alto capital cultural. Segundo Bourdieu (2008), há frações das elites de maior capital cultural do que econômico e outras de maior capital econômico do que cultural. A valorização do tecnicismo, para os membros das elites, seria importante para os recém-chegados, e não para os herdeiros das elites.

3.1 Campo da produção da tecnologia digital

Relacionando as propriedades gerais dos campos, Bourdieu (1983) mostra que todo campo é um espaço de luta interessada por certos objetos disputados. Por esta razão, a estrutura hierárquica dos campos é resultado das relações de força que se estabilizam historicamente sendo, portanto, aberta a modificações impetradas pelos agentes – sujeitos e instituições - que nele atuam, jogam, e, interessados na continuidade do jogo, “*compactuam com a conservação do que é produzido no campo, tendo interesse em conservar e a se conservar conservando*”. (BOURDIEU, 1983, p. 91).

No caso da moda parisiense, estudada por Bourdieu e Delsaut (2001), o campo se revela pelas antigas *maisons* de prestígio e tradição, situadas na *rive droite* (margem direita do Rio Sena) enquanto “*a maior parte dos costureiros de vanguarda e a totalidade dos ‘estilistas’ ou ‘modelistas’ têm sua matriz ou ‘boutique’ na ‘rive gauche’*” (margem esquerda do Sena) (BOURDIEU e DELSAUT, 2001, p. 8). As lojas de moda ocupam, nesse contexto, posições polares, geográfica e concorrencialmente. Ali, o “*costureiro participa de uma arte que ocupa um lugar inferior na hierarquia da legitimidade artística*” (BOURDIEU e DELSAUT, 2001, p. 28) e em que “*o valor material e simbólico dos bens da moda é constituído essencialmente (se deixarmos de lado as diferenças secundárias entre os costureiros) sobre a ‘distinção temporal’ entre a ‘moda’ e o ‘demodé’*” (BOURDIEU e DELSAUT, 2001, p. 29, grifos do autor).

Existem diferenças e aproximações entre os campos da produção tecnológica em relação ao campo da moda, pois o campo da produção de tecnologia tem lógica homóloga ao campo da moda (ROCHA, 2011). Em primeiro lugar, trata-se de distinguir os bens de cada mercado: de um lado, as coleções de grifes balizadas por sistemas de consagração e celebração de seus produtos – com a fórmula “mágica” de consagração de suas “estrelas”; de outro, os produtos de *hardware* e *software*, fabricados em grandes empresas de natureza técnico-científica, que pretensamente têm como mecanismos de consagração a eficiência e eficácia técnica de seus produtos. É de se supor que as virtudes do campo de produção da moda sejam diferentes daquelas do campo da produção tecnológica, devido à distinta natureza dos seus produtos, já que os produtos tecnológicos tendem a seguir uma lógica estritamente funcional enquanto os da moda teriam uma outra lógica mais sutil, mais simbólica:

Em oposição aos objetos técnicos – cujo valor, estritamente definido por sua aptidão em assegurar, pelo menor custo, uma função específica, decresce paralelamente à diminuição do seu rendimento que resulta, seja do desgaste que provém da sua utilização, seja da concorrência de instrumentos mais econômicos -,

os objetos simbólicos de ciclo curto, entre os quais os artigos da moda representam o puro limite, possuem um tempo de uso tão arbitrariamente delimitado, quanto a sua própria utilização: diante de uma parte essencial de sua raridade à habilidade que os define propriamente, pois o lugar da última diferença, ou seja, do valor distintivo, situa-se no tempo – estar na moda é estar na última moda -, os produtos da alta costura são voltados, por definição a uma rápida desvalorização. (BOURDIEU e DELSAUT, 2001, p. 30)

Observa-se que os produtos da tecnologia da informação são, igualmente, voltados a uma rápida desvalorização. Arrisca-se aqui a associar, também a eles, um valor simbólico não estritamente funcional como os demais objetos técnicos, tais como as máquinas e os eletrodomésticos. À medida que são disseminados, os produtos da tecnologia da informação (como novos equipamentos de *hardware* e novos *softwares*) passam por um processo de desvalorização à semelhança dos produtos da moda: “A *degradação no tempo do valor comercial dos bens da moda (como mecanismo de liquidações e dos submercados) corresponde à sua ‘difusão’, à sua divulgação, isto é, à deterioração do seu poder de distinção*” (BOURDIEU e DELSAUT, 2001, p. 31, grifos do autor).

À semelhança dos produtos da moda, no que tange ao consumo de produtos baseados em tecnologia da informação, esses perdem seu valor distintivo (valor simbólico) na exata medida de sua popularização. Mas, diferentemente do mercado da moda, o valor de uso do produto (associado ao seu valor material) - suas finalidades, aplicações práticas, orientadas ao atendimento das necessidades cotidianas – conta na definição do seu preço.

Se os campos sociais funcionam como mercados que valorizam certos capitais, é possível dizer que o campo da produção da tecnologia digital funda-se através de conflituosas relações, entre diferentes atores, sejam instituições responsáveis pelas políticas públicas ou grandes empresas privadas produtoras de software e hardware, ou mesmo indivíduos, como *hackers* ou produtores livres. Todos têm como valor, que os unifica, a crença no poder da inovação, da cultura de compartilhamento de informações e do mérito técnico e científico. São *moedas* simbólicas valiosas, nesse campo, os capitais culturais - incorporados ou não - que identificam o produtor como inovador e eficiente (ROCHA, 2011). Talvez, à semelhança dos campos que precisam dissimular o interesse econômico (BOURDIEU, 2007c), também o valor da inovação funcionaria como um mecanismo simbólico dissimulador da força das relações econômicas do campo da produção tecnológica, no qual o domínio do linguajar técnico poder-se-ia assemelhar-se ao domínio da linguagem dos ritos religiosos, quase sagrados.

Entendendo-se que as tecnologias digitais de informação e comunicação são produzidas e consumidas em diferentes espaços sociais e nos mais diversos campos, é

possível identificar a existência de atores de maior envergadura que, através das disputas de poder correspondentes a este espaço, são capazes de regulamentar, ou ao menos tentam regulamentar, mesmo simbolicamente, o uso das tecnologias digitais. Ainda por analogia ao campo da moda, no espaço da produção da tecnologia, existiriam empresas posicionadas – no caso específico, ideologicamente - à *droite* ou à *gauche*, à semelhança das grandes grifes parisienses analisadas por Bourdieu e Delsaut (2001).

Para fazer relações análogas às do campo da moda, procurou-se entender melhor a visão de Castells (2003) sobre a cultura da internet. Para Castells (2003, p.34), “*a cultura da internet seria resultado da cultura dos seus criadores*”, sendo marcada pela ideologia da liberdade. Para este mesmo autor, prevalecem quatro diferentes posições associadas à cultura da internet, de acordo com o desenvolvimento da história da rede: a cultura tecnomeritocrática fundadora da rede; a cultura hacker; a cultura comunitária livre e a cultura empresarial.

A cultura tecnomeritocrática seria resultante da tradição acadêmica fundadora da internet (e da computação, de maneira geral) em que o mérito técnico e científico prevalece para a distinção dos seus membros; o desempenho individual é muito valorizado, porém deve ser usado para o crescimento da rede e não para méritos pessoais. Usando raciocínio análogo ao de Bourdieu, as instituições técnicas regulamentadoras da rede (como a *World Wide Web Consortium*, por exemplo), mais ciosas das inovações tecnológicas dos protocolos da rede, ocupariam posição de destaque (e domínio) na regulamentação da rede. Mas, mesmo tais instituições sofrem pressão do campo econômico nas suas ações.

A cultura *hacker* seria, para Castells (2003), característica cultural da sociedade informacional, fazendo a ponte entre a cultura tecnomeritocrática e os produtos empresariais presentes na rede. A criatividade, liberdade, informalidade são características desta cultura, que valorizaria doações livres e de qualidade para a comunidade de usuários da internet. O reconhecimento, neste subcampo da produção tecnológica, viria da doação de objetos de valor – como softwares inovadores – de boa qualidade. Os atores desbravadores do campo da produção tecnológica seriam os da cultura *hacker*, aqui se localizam os produtores de *softwares* livres.

A cultura comunitária virtual teria origem nos movimentos contraculturais da década de 1960, levando à formação das redes de comunicação livre e horizontal. A esta cultura ligam-se os disseminadores e utilizadores da internet. Já a cultura empresarial seria representada, para Castells (2003), pelas conhecidas empresas do Vale do Silício, consideradas empresas em que prevalece a cultura do dinheiro e do trabalho compulsivo voltados para a construção de uma certa utopia tecnológica: “*Enquanto os investidores*

financeiros tentam ganhar dinheiro prevendo o comportamento futuro do mercado, ou simplesmente apostando nele, os empresários da internet vendem o futuro porque acreditam no poder de fazê-lo” (p. 50). Para Castells (2003), a cultura empresarial tende a incorporar e difundir elementos da cultura hacker que está na raiz da fundação da internet (como a criação de softwares com interoperabilidade). Ainda nesse caso, é possível a comparação com o campo da moda, a exemplo da absorção do *jeans* pelas grifes tradicionais.

É preciso ter ciência de que os profissionais produtores de tecnologia da informação – como os analistas de sistemas –, ao serem colocados no campo da produção tecnológica, podem tanto estar em posições de domínio no campo da produção tecnológica como em posições subalternas nesse campo. Nas posições de domínio tendem a estar empresas produtoras de softwares básicos – como os sistemas operacionais – que são ferramentas de trabalho de empresas produtoras de aplicativos, ou seja, é preciso saber que existe uma cadeia produtiva na produção de software que se relaciona também ao prestígio do exercício profissional na área tecnológica. Os produtores de softwares aplicativos são também consumidores de softwares, à semelhança do que observou Bourdieu (1997) sobre o campo jornalístico: no campo do jornalismo, a fala do jornalista depende da posição que ele ocupa: se ele está em um jornal de grande circulação, se está em uma agência de notícias, se ele apenas faz pequenas modificações em notícias que já circularam em outros jornais. Outro ponto importante a ser considerado é que os próprios profissionais produtores de software aplicativo são usuários de softwares básicos, dominados por grandes empresas produtoras internacionalmente. Em outras palavras, nem mesmo os profissionais analistas de sistemas no contexto da economia brasileira se encontrariam em posição de destaque.

Neste ponto, é importante destacar o modo de trabalho das profissões da informática, pois a caracterização do exercício do trabalho fornece pistas do seu reconhecimento e status social (dos mais técnicos aos menos técnicos, dos que ocupam posição superior nas hierarquias do trabalho e daqueles que ocupam posição inferior). Pereira (1989), nessa direção, distingue, entre os profissionais da informática, os analistas de sistemas (planejadores) dos programadores (executores do planejamento dos analistas), embora reconheça que há progressiva fusão das atividades de análise e programação na figura de um só profissional com o uso de ferramentas automatizadas de geração de código, muitas das quais são produtos das grandes empresas mundiais dominantes da produção de software.

Nas pontas mais fracas do campo da produção tecnológica estão atores que usufruem, apenas, da internet ou dos recursos computadorizados sem participar dos seus processos de regulamentação, como os membros da cultura comunitária livre. Nesse caso estão instituições

ou pessoas que publicam, na rede, seus *websites*, seus *blogs*, mas permanecem na condição de usuários ou consumidores do sistema, tal como na moda, encontram-se as marcas e as lojas populares que procuram reproduzir a produção das grandes *maisons* (sobre esses pontos ver os estudos de ANDRADE, 2002 e DULCI, 2009).

Mas, se as *grifes* da moda produzem para seus públicos e contam com mecanismos de difusão e consagração que facilitam a identificação do *habitus* do público com os seus produtos, também as *grifes* da tecnologia digital estão sujeitas às mesmas relações. Os diferentes produtos digitais são mais ou menos nobres conforme a posição ocupada pelos produtores na hierarquia do campo da produção tecnológica, e tal posição é ou não reconhecida no campo do consumo. Se, no espaço social, os consumos se realizam pelo casamento do *habitus* dos consumidores com a oferta dos produtores, como se pode estabelecer relações entre os *habitus* e os consumos da tecnologia digital? No espaço social, qual seria o valor da posse de tecnologia da informação (capital cultural objetivado)? Qual o capital simbólico associado ao uso dos produtos tecnológicos?

É na relação entre o prestígio no campo dos produtores das grifes de alta costura e o prestígio no campo do consumo desses mesmos produtos, que vai se configurar a gênese da *magia* na consagração do produtor do campo da alta moda (BOURDIEU e DELSAULT, 2001). No caso do campo da produção tecnológica, entre os consumidores *tecnófilos* (talvez consumidores de maior prestígio, análogos aos consumidores das grifes da alta costura), devem se consagrar as marcas de maior prestígio. Mas, entre outros grupos de consumidores da tecnologia digital, encontra-se o grupo de consumidores dos produtos tecnológicos mais populares. Esses consumidores não detêm, talvez, o *habitus* que lhes permita apreciar *bons* objetos técnicos; isso ocorreria, pela insuficiência do seu conhecimento técnico (capital cultural incorporado) e/ou do seu capital econômico. Seria importante, neste ponto, destacar a lógica do consumo dos produtos da tecnologia em relação ao *habitus*.

No mercado linguístico das linguagens digitais, há grupos com posições privilegiadas, que não só utilizam bem as tecnologias digitais, mas também as produzem e as impõem. Os profissionais técnicos em informática tendem a desqualificar as práticas dos meros usuários de sistemas e tecnologias, que, por sua vez, podem passar por constrangimentos em suas práticas. Ou seja, postula-se que, à semelhança da violência simbólica da imposição das práticas culturais mais distintas no espaço social serem ditadas pelas elites culturais e econômicas, haveria também um efeito de violência simbólica nas imposições de modos legítimos de utilização da tecnologia. À semelhança dos burgueses mundanos que estigmatizam a prática dos doutos, também as práticas mais desenvolvidas no uso da técnica

seriam ditadas pelo grupo de dominantes da produção de tecnologias digitais (de seus softwares, por exemplo) que tenderiam a eliminar as práticas indesejadas. Tal hipótese é empiricamente verificável através da disseminação do jargão “usuário burro” no campo da produção tecnológica, embora careça de maior aprofundamento, já que as tecnologias em si mesmas – quaisquer que sejam – estão colocadas em um jogo de forças político e econômico.

3.2 Campo do consumo da tecnologia digital

Diferentemente da classe dos objetos de arte que, segundo Bourdieu se define “(...)pelo fato de que ela exige ser percebida segundo uma intenção propriamente estética, ou seja, de preferência em sua *forma* e não em sua função”. (BOURDIEU, 2008, p. 32, grifos do autor), a classe dos objetos da tecnologia da informação não é produzida visando o belo, pois não se trata de produção artística. O que seria de um computador (no seu conjunto de *hardware* e *software*) sem utilidade ou sem função? Quais são os valores material e simbólico associados aos objetos da tecnologia da informação e ao seu consumo? Como se caracteriza o consumo de tais objetos?

Para responder às indagações propostas seria necessário, antes, colocar uma nova pergunta: o que seria o consumo de produtos da tecnologia da informação? Essa questão seria facilmente respondida caso se considerasse o objeto técnico computador, à semelhança de objetos como os eletrodomésticos, com seu consumo restrito a uma utilidade prática. Por exemplo, o fogão, cuja qualidade e uso resumem-se àqueles associados à função de cozinhar alimentos; ainda se poderia associá-lo às melhores marcas produtoras de fogões e ter-se-ia, assim, a lógica do campo da produção e consumo de equipamentos domésticos. Porém, a disseminação da tecnologia da informação traz à tona outros modos de consumo (se é que se pode dizer consumo) não redutíveis à mera compra do equipamento e seu uso para uma finalidade. A posse e o uso do equipamento computador estão ligados ao capital cultural, no estado objetivado, de quem o possui. Porém, para usufruir deste capital em forma objetivada, é preciso capital incorporado (BOURDIEU, 1998, p. 77).

Segundo Bourdieu (2008, p. 96), as características objetivas (técnicas) dos objetos não se impõem igualmente a todos os indivíduos: os usos sociais não se reduzem aos modos de utilização nem são inteiramente controlados pelos seus produtores. Para Bourdieu (2008, p. 95, grifos do autor), “(...) o consumo de bens pressupõe – sem dúvida, sempre e em graus diferentes segundo os bens e os consumidores – um trabalho de apropriação; ou, mais exatamente, que o consumidor contribui para produzir o produto que ele consome”. O

consumo dos bens simbólicos da mídia digital (ler e acessar um *website*, utilizar um *software*) requer trabalho de aprendizagem, de decifrar a linguagem digital, mas pode ir além, pois existe, na instância do consumo, a possibilidade de produção de mídia (como a criação de um *website* ou a criação de aplicação de um *software*). Seria como se, por analogia ao mercado de arte, os apreciadores de quadros pudessem, além de apreciá-los com esquemas de percepção adequados, produzi-los e colocá-los em exposição no mesmo espaço. À semelhança do que ocorre no mercado da arte, em relação ao reconhecimento social pela posse de um quadro no contexto de um determinado grupo de apreciadores, o mesmo também acontece através da aquisição de produtos tecnológicos sofisticados e reconhecidos pelos grupos de usuários com *expertise*.

É possível que relações análogas ao consumo dos produtos culturais se estabeleçam para o consumo dos produtos da tecnologia: produtores da tecnologia (elite técnica) tendem a impor a lógica das apropriações dos recursos digitais, sendo considerados leigos os usuários das tecnologias, e geram até desprezo quando não realizam os usos previstos. Seria interessante investigar se há, no campo da produção da tecnologia, relações tão conflituosas quanto as existentes entre doutos e mundanos no campo da produção cultural. De partida, conforme apontado na seção anterior, o campo da produção da tecnologia conta com, pelo menos, duas lógicas conflituosas: a dos produtores “livres” (a lógica do *software* livre) e a dos produtores da iniciativa privada (a lógica do *software* proprietário), isso sem contar com o campo da produção de *hardware*.

Outra questão importante refere-se ao fato de que os usos das tecnologias digitais de informação e comunicação acontecem em diversos campos do espaço social, quais sejam, o econômico, educacional, lazer, entre outros. E os usos das tecnologias associam-se às relações de poder no interior dos campos considerados.

Neste caso, tomando os campos de atuação profissional da área de Ciência da Informação e da Comunicação Social, encontram-se atores pertencentes ao campo de consumo das tecnologias digitais, sujeitos às ofertas e aos resultados das relações de conflito do campo da produção tecnológica: alguns mais partidários da lógica do *software* livre, outros dos softwares de tradição empresarial; alguns mais, outros menos atuantes da cultura comunitária livre, mas no discurso, encontra-se o poder do domínio das técnicas para as profissões.

4 CONCLUSÕES

No interior do campo da Ciência da Informação, o domínio das tecnologias digitais de informação recebe alto valor, ou seja, aos capitais culturais (incorporados e objetivados) associados às tecnologias da informação e comunicação são associados alto valor simbólico ou alto capital simbólico.

Se se considera que o trabalho de planejamento seria mais nobre e o trabalho de execução seria menos nobre, os profissionais consumidores de tecnologias da informação digital teriam, então, ofícios menos nobres no que diz respeito às relações no campo da produção e consumo das tecnologias digitais.

Por outro lado, ao se tomar o espaço social como um todo, teriam os profissionais em questão posições de planejamento e controle associados às posições das elites? O campo de produção tecnológica ocupa espaço privilegiado na Sociedade da Informação, sendo as empresas de telefonia as mais lucrativas do mundo (MENOU, 2009), mas nem todos os profissionais deste campo estão em posição de controle, além do mais a origem das profissões da tecnologia da informação está associada a posições técnicas e científicas de apoio. Considerá-los, portanto, privilegiados, seria como dizer, por analogia, que todos os trabalhadores em montadoras de automóveis são prestigiados socialmente, o que não é verdade.

Os profissionais da Comunicação Social podem estar mais próximos do campo do poder (BOURDIEU, 1997), onde as atividades de planejamento e decisão ocorrem, ajudando a produzir informação e notícia, especialmente se ocupam posição de destaque em veículos de comunicação socialmente influentes. Por outro lado, eles ocupam posição subalterna no campo da produção cultural como um todo (BOURDIEU, 1997) e, em tempos de popularização da internet, cada pessoa pode – com seu próprio *blog*, por exemplo – tornar-se produtora de informação, o que sinalizaria queda de prestígio ou da raridade do *fazer* em Comunicação Social.

Já os profissionais bibliotecários, arquivistas e museólogos não fazem parte do campo da produção de tecnologia, nem estão em espaços do campo da produção cultural, exercendo funções de disseminação cultural, entre outras funções. Neste caso, o prestígio desses profissionais também se associa às instituições em que trabalham e à importância que tais instituições recebem socialmente. Tais profissionais têm entre seus objetos (matéria-prima) de trabalho o livro, o jornal, o documento histórico, o objeto museal, todos eles signos da alta cultura, o que suscita novos elementos de discussão. Nesse caso, o consumidor de tecnologia da informação passa a ser um trabalhador cuja matéria-prima (objeto) são signos de alta cultura; nesse ponto os “nossos consumidores” trabalham com a cultura, com a arte, o

conhecimento, a informação. Consumidores das tecnologias digitais, podem ser presas da oferta da parafernália técnica disseminada como a mais apropriada para o seu trabalho, como os softwares aplicativos ofertados pelo campo da produção tecnológica, ou podem se apropriar, criativamente, de tais tecnologias para aprimorarem o que suas atividades profissionais têm de mais específico e singular: o histórico papel de guarda, produção e disseminação da informação e do conhecimento.

Todas as profissões em questão parecem localizar-se, no espaço social, como as profissões de natureza técnica, com o relativo prestígio associado à técnica no espaço social como um todo, tendo em vista que as posições técnicas, antes associadas à formação secundária cada vez mais se associam a formações de nível superior. Abre-se espaço, neste caso, para a expansão de estudos comparados entre perfis profissionais buscando desmistificar o papel da tecnologia da informação para o reconhecimento e prestígio das profissões.

Abstract:

It aims here reflecting about the recognition of information professionals through Pierre Bourdieu's theoretical perspective, highlighting his studies about Distinction in social space and social camps. Through bibliographical review and theoretical reflection, it is pointed out that professions which deal with information in social space are related to prestige of technical functions in social space, normally not considered superior or elitist position. Professions that deal with digital technology information are apart from decisory instances, however, they take benefit of growing valuing of technicism to be well valued. Professionals of Social Communication occupy visibility positions that allows them to be notorious, while librarians, archivists and curators works on cultural institutions with relative distinction in social space. Expertise in information technology is distinction factor among professions that deal with information, being professionals of technological production camp the planers with more distinction; and the remaining professionals of information users of the former professions.

KEYWORDS: Information professions. Information professionals. Recognition. Symbolic capital. Camp.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Engênia Albino. A informação e o campo das micro e pequenas indústrias da moda em Minas Gerais: a entrada no campo da indústria da moda. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 39 - 48, jan./jun. 2002

BARBOSA, Maria Lígia. A sociologia das profissões: em torno da legitimidade de um objeto. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 36, p.3-30, 2 sem 1993.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Ltda, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e gênese das classes. In: _____. **O poder simbólico**. 5 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002a.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico**. 5 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002b.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs) **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. (Ciências sociais da educação)

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs) **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. (Ciências sociais da educação)

BOURDIEU, Pierre; DELSAUT, Yvette. O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia. **Educação em revista**. Belo Horizonte, n.34, dez/2001.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência** : por uma sociologia clínica do campo científico. [1977] São Paulo : Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 8 ed. Campinas: Papyrus, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 8 ed. Campinas: Papyrus, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. A economia dos bens simbólicos. In: BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 8 ed. Campinas: Papyrus, 2007c.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: a crítica social do julgamento. 1 reimpr. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTRO, César. **História da Biblioteconomia Brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CRONIN, B. STIFFLER, M, DAY, D. The emergent market for information professionals: educational opportunities and implications. **Library Trends**, v.42, n.2, p.257-276, Fall 1993.

CUNHA, Miriam Vieira da; PEREIRA, Magda Chagas. Perfil do profissional da informação em santa catarina: primeiros resultados. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação; 2003. CD-ROM.

CUNHA, Miriam Vieira da; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, M. L. P. **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004.

DANTAS, Marcos. Capitalismo na era das redes: trabalho, informação e valor no ciclo da comunicação produtiva. In: LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (org). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DULCI, Luciana Crivellari. **Da moda às modas no vestuário: entre a teoria hierárquica e o pluralismo, pelo olhar da consumidora popular em Belo Horizonte**. 2009. 151 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MENOU, Michel. ImperialICTism the highest stage of capitalism? In: BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (Org). **Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento**. Brasília: Ibict: Unesco, 2009.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v.2.

PEREIRA, Denise de Castro. **O fetiche da técnica e a subordinação do trabalho intelectual: um estudo sobre o processo de trabalho informático**. 1989. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

REIS, Fábio Vandereli. **Análise Histórico-Comparada: Alternativa para o Estudo do Desenvolvimento**. Instituto Goethe: Porto Alegre, 1985. (Impresso)

ROCHA, E. C. F. **Questões sobre prestígio e reconhecimento dos bibliotecários e analistas de sistemas em Minas Gerais**. 2011. 67 f. Projeto (Qualificação de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, fev., 2011.

SARTORI, Giovanni. Comparación y método comparativo. In: SARTORI, Giovanni; MORLINO, Leonardo (Orgs.). **La comparación en las Ciencias Sociales**. Madrid: Alianza, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 174 p. ISBN 8501058782

SILVA, Alda Lima da; GOMES, Henriette Ferreira. A auto-imagem do bibliotecário na sociedade da informação: estudo na cidade de Salvador – Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), 2008. CD-ROM.

SILVA, Alda Lima da; GOMES, Henriette Ferreira. O fazer bibliotecário na percepção do profissional na contemporaneidade: um estudo na Cidade de Salvador – Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Brasília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), 2010. CD-ROM.

SILVA, Magali Lippert da; MORIGI, Valdir José. Representações das práticas e da identidade profissional dos bibliotecários no mundo contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), 2008. CD-ROM.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. FUVEST -Fundação Universitária para o Vestibular
Relação Candidato Vaga Inscritos. 9 nov 2010. Disponível em
http://www.fuvest.br/vest2011/informes/relacao_candidato_vaga_2011.pdf Acesso em jul 2011.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. FUVEST -Fundação Universitária para o Vestibular
Relação Candidato Vaga Inscritos. 2000. Disponível em
<http://www.fuvest.br/vest2000/informes/ii092000-anexo2.stm> Acesso em jul 2011.

ZILLER, Joana ; CARDOSO, Tatiana Lucia . Perfil da Comunidade Acadêmica da Escola de Ciência da Informação da UFMG: Relações de Poder e Hierarquias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), 2008. CD-ROM.